

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

## VIAJAR E EXISTIR: A TRAVESSIA POÉTICA EM GUIMARÃES ROSA



## *TRAVELING AND BEING: THE POETIC CROSSING IN GUIMARÃES ROSA*

Antônio Máximo Ferraz (UFPA)  
Andréa Jamilly Rodrigues Leitão (UFPA)  
Harley Farias Dolzane (UFPA)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 25/06/2012 • APROVADO EM 30/07/2012

---

### Resumo

---

No presente estudo se interpreta o conto “Os cimos”, da obra *Primeiras Estórias* (1962), de João Guimarães Rosa, em diálogo com o episódio de *Grande Sertão: Veredas* (1956) em que Riobaldo e Diadorim realizam a travessia do rio São Francisco. A interpretação se faz à luz da viagem-travessia empreendida pelo homem, em seu percurso existencial, como motivo de aprendizagem constante da experiência de viver. Para o desenvolvimento deste trabalho, contou-se com a contribuição de Benedito Nunes (2009), para quem o homem é a viagem e a própria travessia acontecendo, na qual incessantemente se desvela o sentido da existência.

This study intends to interpret “Os cimos”, of the book *Primeiras Estórias* (1962), by João Guimarães Rosa, and the episode of *Grande Sertão: Veredas* (1956), that Riobaldo and Diadorim cross over the São Francisco’s river, in the light of the journey of crossing, undertaken by human, in their existential trajectory, as a source of constant learning of their life itself. For the development of this study, lean on the contribution of Benedito Nunes (2009), that presents the human as the journey and the own journey of crossing happening, which is constantly unveiling itself in the trajectory of their existence.

---

**Entradas para indexação**

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Viagem. Travessia. Desvelamento.

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa. Journey. Crossing. Unveiling.

---

**Texto integral**

---

## Introdução

Em sua obra, João Guimarães Rosa refletiu com singular sensibilidade sobre questões relacionadas à existência e à condição do homem no mundo. A originalidade da sua experimentação com a linguagem advém, sobretudo, de uma transfiguração poética do falar sertanejo, cujo alcance ultrapassa os contornos geográficos, atingindo os domínios do universal.

Embora muitas de suas narrativas sejam ambientadas no sertão mineiro, elas não se prendem a aspectos meramente descritivos e por vezes superficiais da *couleur locale*, na medida em que estabelecem uma ruptura decisiva com o modo tradicional de narrar típico da vertente literária dita regionalista. As personagens, por sua vez, situam-se para além dos estereótipos consagrados e da visão determinista assentada sobre o homem sertanejo. Ele, ao contrário, apresenta-se configurado no vigor de uma condição humana que não se delimita no tempo e no espaço.

“Os cimos” é o último dos vinte e um contos que compõem *Primeiras Estórias* (1962), do escritor mineiro. Seu enredo retoma a personagem do Menino, que figura a primeira narrativa da obra, “As margens da alegria”. Além do motivo da viagem, os dois contos estão substancialmente interligados pela experiência mística do olhar, a partir da visão

resplandecente de um animal, revelando uma íntima simbiose entre o homem e a Natureza, que lhe possibilita o descortínio da verdade essencial do Ser, ou seja, daquilo que as coisas essencialmente são.<sup>1</sup>

No romance *Grande Sertão: Veredas* (1956), está também presente a figura de um menino – que mais tarde Riobaldo descobriria ser Diadorim, seu amor impossível. O encontro de Riobaldo com o Menino, em plena imensidão do rio São Francisco, proporcionará uma grandiosa viagem-travessia pela condição do homem no mundo, operando transformações significativas no seu modo de encarar a existência.

O presente estudo desenvolve a questão da viagem, compreendida como a configuração, no plano concreto da experiência, do percurso existencial do homem. Neste percurso, ele realiza a travessia em direção à aprendizagem contínua da vida e ao desvelamento originário do Ser.

## O menino e a viagem

O conto “Os cimos” é o último dos vinte e um que compõem *Primeiras Estórias* (1962), de João Guimarães Rosa. A personagem principal é o Menino, como é simplesmente denominado, e é o mesmo que figura na primeira narrativa da obra, “As margens da alegria”. Dessa forma, “Os cimos” são uma espécie de continuação do percurso existencial do Menino, iniciado no primeiro conto, o que confere à obra uma unidade circular. O primeiro e último conto equivalem-se na ordem inversa, pois, segundo Kathrin Rosenfield (2006, p. 156), representam “duas experiências análogas e invertidas nas quais um mesmo menino se debate com a perda da beleza e da essência viva”. Em “As margens da alegria”, o Menino depara-se com a beleza extraordinária de um peru e a sua profunda frustração com a morte do animal. Já em “Os cimos”, a personagem trilha o caminho em sentido contrário: da tristeza causada por sua mãe estar doente, para a plenitude e a liberdade, evocadas pela aparição de um tucano.

A vigésima primeira narrativa indica a retomada da estória do Menino de “As margens da alegria” desde o seu início:

OUTRA ERA A VEZ. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o Tio, e era a íngreme partida (ROSA, 1968, p. 168).

No entanto, as circunstâncias agora são outras. O motivo de sua viagem é o fato de sua mãe estar muito enferma. Sua alma infantil é tomada de grande pesar e tristeza. A distância física não é suficiente para afastá-lo

de sua mãe, tornando a sua presença paradoxalmente muito mais intensa: “Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade” (ROSA, 1968, p. 169).

A situação modifica-se no momento em que o Menino se abre verdadeiramente para a viagem. No instante preliminar ao amanhecer, ele depara-se com a grandiosidade da geografia local. Embora a escuridão ainda exerça o seu domínio, há o vislumbre de uma vivacidade luminosa intrínseca à magia do espaço da natureza. Então, surge o adejar colorido de um pássaro, deslizando livremente pela imensidade do céu. A chegada impactante do pássaro provoca um clarão intenso, que irradia uma luz própria, descortinando-se ao Menino a real beleza do mundo e o vigor essencialmente vivo que brota das coisas:

A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro—depois de seu vôo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhando flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Tôda a luz era dêle, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspense esplendidamente (ROSA, 1968, p. 171, grifo nosso).

A missão diária do tucano é o “pintar da aurora”, anunciar o nascer do sol, o raiar primeiro do dia: “O sol, o dia, a luz, se unificam no pássaro” (NUNES, 2009, p. 153-154). A imagem do tucano está associada à leveza, sutileza, serenidade, quietude. No conto, essa imagem aparece em contraposição à gravidade da situação, à aspereza do pensamento que evoca a Mãe e a sua doença. O encontro com o pássaro-luz revela-se como um instante de abertura plena para a essência viva e a beleza das coisas. A contemplação do gesto silencioso do tucano produz no Menino uma sensação extática tão profunda, a ponto de ele desprender-se, momentaneamente, da inquietação causada pela doença da Mãe:

A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração. O Menino o guardava, no fugidir, de memória, em feliz vôo, no ar sonoro, até à tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigordaqueles dias quadriculados (ROSA, 1968, p. 174).

Por outro lado, a beleza exuberante da Mãe Natureza, descrita com riqueza ao longo do conto, superpõe-se ao advento da modernidade, configurada no processo de devastação e destruição dos recursos naturais para a construção da “grande cidade”. A Natureza sugere a dinâmica da

própria existência humana, cuja personagem do Menino relaciona-se intimamente com esse ambiente acolhedor, feito de descobertas, e que lhe possibilita uma experiência transformadora. Neste sentido, o espaço da Natureza não é mera paisagem, quadro estático em que se desenrolam os acontecimentos narrados. Pelo contrário, como diz Benedito Nunes,

é um todo vivo e animado, interior e exterior ao mesmo tempo: o nasce, cresce e morre da *physis* grega. E os personagens vivem na sua proximidade, sintonizados ao movimento cíclico regente dos céus e da terra, à trajetória do sol e das estrelas (NUNES, 1998, p. 248).

## A viagem-travessia: os caminhos da aprendizagem

As crianças presentes na obra de Guimarães Rosa possuem, como um traço comum, grande sensibilidade e maturidade no seu modo de compreender a vida, manifestadas nas suas reflexões. Os personagens infantis, por terem uma lucidez incomum, uma curiosidade aflorada e uma ânsia por realizar descobertas, estão abertos a viver novas experiências e acolher a aprendizagem. Benedito Nunes (2009, p. 152) afirma que o Menino é “dotado de uma sabedoria infusa, que se vai manifestando, passo a passo, por degraus de iniciação, estágios de uma aprendizagem (o menino viaja)”. O existir e o viajar são termos que, de um modo geral, estão inextricavelmente enlaçados.

Em “Os cimos”, a viagem do Menino recomeça, “a iniciação se completa. É a segunda viagem” (NUNES, 2009, p. 153). A viagem-travessia do Menino torna-se, agora, uma “íngreme partida”, o que pressupõe um caminho árduo de subida até um ponto mais elevado de sua experiência, de dolorosa purificação em direção à ascense espiritual, de despedida do universo infantil: “o Menino recebia uma claridade de juízo-feito um assopro-doce, solta [...] feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande” (ROSA, 1968, p. 170).

Durante o seu percurso existencial, o Menino realiza maduras reflexões acerca de questões relacionadas ao tempo e à condição humana. O garoto se dá conta da imprevisibilidade da existência, que excede o empenho humano em dominá-la, uma vez que o homem está fatalmente inserido na marcha fugaz do tempo, no seu movimento incessante, em que ele está sempre *sendo*, jamais estanque: “Tudo era, todo-o-tempo, mais ou menos

igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado?” (ROSA, 1968, p. 169). Em *Grande sertão: veredas* (1985, p. 228), a personagem de Riobaldo realiza uma reflexão semelhante no que diz respeito ao caráter transitório e inconstante do Ser, entregue ao irremediável da vida, sem a existência de roteiros:

Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria. Vida devia ser como na sala de teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho.

O Menino questiona-se, também, sobre o fato do homem não conseguir contemplar a beleza singela das coisas ao seu redor, diante da impermanência e da efemeridade das experiências do homem, lançado no devir temporal: “Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas já estavam caminhando, para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas...” (ROSA, 1968, p. 171).

A visão de um pássaro possibilita ao Menino a experiência de *abertura* poética para o extra-ordinário e para a revelação da essência da vida. O encontro com o pássaro-luz desabrocha-se em encantamento, deslumbramento, abandono, plenitude e irrupção da Beleza. Segundo Martin Heidegger (2010, p. 141), “a beleza é um modo como a verdade vigora enquanto desvelamento”. Sendo assim, a essência da verdade manifesta-se a partir da visão, da aparição resplandecente do belo na forma de uma ave, ou seja, o sentido do mundo e das coisas desvela-se ao Menino em um instante de extrema beleza.

A descoberta da verdade do Ser acontece a partir da entrega absoluta ao “vertiginoso instante”, configurado no voo sutil do pássaro recortando o espaço infinito do céu, como uma manifestação autêntica e plena da liberdade. Nessa descoberta, há o anseio de transcender, de suplantar a ordem temporal, em direção à intemporalidade das coisas: “Mas feito, se a cada parte e pedacinho de seu vôo, êle ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem no ar-*por agora, sem fim e sempre*” (ROSA, 1968, p. 172, grifo nosso). No voo do pássaro, torna-se possível, também, o desprendimento material das coisas, no momento em que o Menino recusa a ação de capturarem o tucano, pois o que ele realmente deseja ultrapassa os esforços humanos, isto é, almeja o despontar da manhã com a presença libertadora da ave: “O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato” (ROSA, 1968, p. 174). E, ainda, quando percebe, na sua viagem de volta para casa, que perdeu o macaquinho, e, mediante o seu processo de aprendizagem, o Menino aceita e “assume o que há de passageiro, de efêmero, de contrastante, na existência” (NUNES, 2009, p. 153).



Desse modo, o conhecimento alcançado pelo Menino promove a abertura sagrada do mundo e a manifestação da totalidade do real, em que se vislumbra a travessia em direção à reorganização profunda do interior do ser humano, cujo manancial originário ilumina-se a partir da revelação da verdade essencial do Ser: “O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa” (ROSA, 1968, p. 175). A experiência resplandecente de (re)nascimento do Menino reitera a experiência cosmogônica da Criação, isto é, a passagem do Caos Primordial para o Cosmos como uma nova organização do sentido das coisas. O menino experimenta uma cosmicização a partir de um processo de aprendizagem de e para um novo modo ser.

De súbito, o Menino compreende que a grandeza da existência está no reconhecimento do seu movimento dinâmico e cíclico, bem como do equilíbrio harmônico estabelecido entre as oposições, que estão essencialmente misturadas.<sup>2</sup> A perda coexiste com a conquista, a beleza é reversa à fealdade, a finitude é interior à vida. Sendo assim, os contrários complementam-se, compondo a unidade orgânica da existência humana. Neste sentido, Benedito Nunes (2009, p. 153) enxerga a personagem do Menino como uma “espécie de criança mítica, através de quem tudo se ordena, tudo se corresponde, tudo se completa”. A experiência transformadora vivida pelo Menino fez com que ele se tornasse ainda mais sábio e sensível. O sentir resulta na sua mais profunda forma de compreensão, estabelecendo uma longa disparidade entre ele e os demais: “O hiato-o que ele era capaz de entender com o coração” (ROSA, 1968, p. 174).

No final da viagem, a personagem do Menino possui, entre segredos e revelações, a inteira consciência de que a sua travessia não termina ali, mas que está sempre recomeçando, uma vez que o homem é a própria travessia a ser percorrida, e sua existência constitui-se como um processo constante de aprendizagem e de descoberta de si mesmo:

‘- *Chegamos, afinal!*’ -o Tio falou.

- ‘*Ah, não. Ainda não...*’ -respondeu o Menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas. E vinha a vida (ROSA, 1968, p. 176).

Em *Grande sertão: veredas*, apresenta-se também a figura de uma criança. Riobaldo depara-se com o Menino, que mais tarde descobriria ser Diadorim, seu grande amor. Este foi o responsável por despertar em Riobaldo o interesse nas belezas naturais e, sobretudo, o encanto sutil dos pássaros: “Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza” (ROSA, 1985, p. 27). O próprio pássaro Manuelzinho-da-crôa, como as aves de um modo geral, evoca a lembrança

inevitável de Diadorim: “O manuelzinho-da-crôa! Diadorim comigo” (ROSA, 1985, p. 267).

Riobaldo narra a seu erudito interlocutor como conheceu, ainda adolescente, o Menino. O encontro acontece na plena imensidão da natureza do sertão dos Gerais. A força da Natureza provoca deslumbramento e, ao mesmo, tempo, um profundo receio. Juntos, realizam a travessia do rio São Francisco, perigoso e incerto como o fluir incessante da existência: “A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo” (ROSA, 1985, p. 98). Este episódio emblemático na vida de Riobaldo configura-se como uma

espécie de rito de passagem para a vida adulta [...] Equivale, de qualquer forma, no plano real da experiência à passagem da ignorância ao conhecimento, momento de reconhecimento ou revelação simbólica, em que se dá a descoberta do que mal se pode formular, pelo poder de síntese de uma totalidade complexa, abrangendo aspectos e contradições de toda a existência” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1994, p. 26).

O Menino, destemido e confiante de si, transmite a Riobaldo uma importante lição que levará consigo pelo resto da vida: “Quieto, composto, confronto, o menino me via. – ‘Carece de ter coragem...’ – ele me disse” (ROSA, 1985, p. 99). Diante dessa experiência que opera uma verdadeira transformação no seu interior, o aprendiz Riobaldo sente-se plenamente iluminado, em virtude do grande afeto despertado pela delicadeza de Diadorim e do sentimento forte que ali se firmava:

E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse a minhas carnes alguma coisa [...]. – ‘Você também é animoso...’ – me disse. Amanheci minha aurora” (ROSA, 1985, p. 99-100).

Mais do que apenas um ensinamento, Riobaldo descobre o amor em Diadorim como a “aurora”, o despertar de sua vida. Não evocará o nome *Diadorim* a própria aurora se fazendo?

A travessia iniciática empreendida por Riobaldo promove uma abertura para o sentido da vida e a aprendizagem da condição do “homem humano” em direção à totalidade absoluta das coisas, uma vez que o mundo dialeticamente construído – isto é, a partir da tensão dos contrários –, constitui-se como a própria realidade do Ser. Dessa forma, é preciso possuir coragem e firmeza interior, a fim de assumir os laços contraditórios que compõem o percurso existencial do homem, encarando poeticamente os desafios dispostos pelo seu caminho:



O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia (ROSA, 1985, p. 297).

Encarando a existência como uma aprendizagem, Benedito Nunes (2009, p. 172) afirma que, “além de viajante, o homem é a viagem – objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz”. A viagem acontece, simultaneamente, tanto na esfera física como na espiritual, e o homem é a própria travessia acontecendo, cuja aprendizagem se percorre interiormente a partir das suas experiências. Afinal, “fazer uma travessia, atravessar na ex-periência significa: aprender” (HEIDEGGER, 2003, p. 177). É na vivência concreta da dor, do sofrimento e do temor que, tanto para o Menino quanto para Riobaldo, se dá a descoberta e a revelação de uma nova possibilidade de existir, ou seja, a abertura para o descortínio poético do mistério das coisas: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1985, p. 60). A vida, portanto, consiste em uma constante viagem-aprendizagem entre riscos, escolhas e incertezas, em que o homem está permanentemente se autodesvelando na trajetória de sua existência.

## Conclusão

Na vasta obra de João Guimarães Rosa, as palavras adquirem uma aura poética que toca e envolve profundamente o leitor em sua viagem, instaurada no próprio âmbito da leitura, pelo universo mágico do sertão-vida. As relações de sentido constroem-se na tensão entre o velar e o desvelar, entre o dito e o não-dito. É exatamente neste ponto que reside a grandeza criativa da escritura do escritor mineiro, na medida em que amplia as possibilidades de leitura e ressignifica a tessitura da existência. Desse modo, a experiência com o texto literário proporciona a abertura para um efetivo diálogo e um aprofundamento reflexivo acerca de questões que constituem a condição do homem no mundo.

Em “Os cimos”, de *Primeiras Estórias*, a viagem torna-se um longo e tortuoso caminho em que o homem lança-se à procura do verdadeiro conhecimento das coisas e do amadurecimento interior, a partir da experiénciação da beleza de um pássaro, dádiva sagrada da Mãe Natureza,

unidade que acolhe a totalidade das coisas. De modo semelhante, em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo, em sua viagem-travessia pelo rio São Francisco com um menino – na verdade, Diadorim –, aprende uma lição fundamental: que é preciso despertar, no vigor do seu próprio íntimo, a coragem e a audácia para enfrentar os abismos e os desafios do “mundo misturado” da existência.

Na poética do escritor Guimarães Rosa, a viagem empreendida pelo ser humano consiste no próprio percurso da existência, cujas veredas se (re)definem constantemente durante sua travessia, instaurada na relação intrínseca com a aprendizagem do manancial originário da vida e do desvelamento do Ser em sua plenitude.

## NOTAS

<sup>1</sup> A questão do Ser já foi expressa por Aristóteles na *Metafísica* (Z1, 1028 b 2 ff). Lá, ele afirma que a questão que todos os pensadores sempre procuraram responder, e para a qual nenhum conseguiu encontrar a resposta, é *ti tó ón?*, ou seja, “o que é e permanece sendo em toda mudança?”. *Ón* é o particípio presente do verbo *einai*, ser em grego, e significa a origem, a realidade primeira, da qual tudo brota, pois permanece em todo devir temporal das coisas que estão sendo. O verbo ser, assim, é mais do que um elemento de ligação, como o entende a gramática. Ele figura o fundo da realidade, pois diz o que as coisas são e estão sendo em seu fluir temporal. E a impossibilidade, aludida por Aristóteles, de se encontrar uma resposta definitiva sobre o que é o Ser não é uma impossibilidade negativa, e, sim, criativa. Pois aos diferentes desvelamentos do sentido do Ser correspondem distintas construções de realidade, próprias à sempre inaugural travessia de cada ser humano pela existência.

<sup>2</sup> Texto elaborado conforme as normas para submissão de artigo. Texto elaborado conforme as normas para submissão de artigo. Em *Grande sertão: veredas* (1985, p. 206-207), Riobaldo sente-se inquieto com o fato de não conseguir divisar, em polos opostos, os sentimentos humanos, que estão intimamente entrelaçados: “Eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...”.

---

## Referências

---

ARISTÓTELES. *Metafísica*.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos/CEBRAP*. São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov., 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

\_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

NUNES, Benedito. De Sagarana a Grande Sertão: Veredas. In: \_\_\_\_\_. *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1998. p. 247-262.

\_\_\_\_\_. Guimarães Rosa. In: *O dorso do tigre*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 137-201.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

\_\_\_\_\_. *Grande Sertão: Veredas*. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSENFELD, Kathrin Holtermayr. *Desveredando Rosa: a obra de João Guimarães Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

---

## Para citar este artigo

---

FERRAZ, A. M. V. S. G., DOLZANE, H. F., LEITÃO, A. J. R. Nome. Título do artigo: quando houver, subtítulo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 157-168.

---

## Os autores

---

**Antônio Máximo von Sohsten Gomes Ferraz** é Professor Adjunto do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de Teoria Literária, com a tese « Fernando Pessoa em obra: a teatralização da metafísica »;. Mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília, com a dissertação « O sagrado no Retábulo de Santa Joana Carolina, de Osman Lins »;. Bacharel em Direito pela UnB e advogado. Coordena o Núcleo Interdisciplinar Kairós - Pensamento da Arte e da Linguagem (NIK/UFGA), grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. O grupo atualmente desenvolve o projeto de pesquisa « A obra de arte e o pensamento poético-originário », o qual constitui um desdobramento e uma continuidade do projeto « O trágico na modernidade literária brasileira ». Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e Filosofia, dedicando-se à reflexão sobre as referências entre arte e pensamento.

**Harley Farias Dolzane** é mestrando em Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará. É ainda graduando em Letras (Habilitação em língua Inglesa) pela Universidade Federal do Pará; Bacharel em Direito pela Universidade da Amazônia (2005), Advogado Especialista em Direito do Consumidor pela Universidade Cândido Mendes (2007) e em

Direito do Estado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007); - Integrante do « Núcleo Interdisciplinar Kairós: Pensamento da Arte e da Linguagem » (NIK/UFPA. Mestrando em Teoria Literária pela UFPA.

**Andréa Jamilly Rodrigues Leitão** é integrante do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) - Pensamento da Arte e da Linguagem, no qual participa do projeto de pesquisa « A obra de arte e o pensamento poético-originário », que constitui um desdobramento e uma continuidade do projeto « O trágico na modernidade literária brasileira », coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Máximo Ferraz.